

TEORIA & PRÁTICA Em reunião, grupo critica política econômica e elogia ação externa

Intelectuais governistas vão a Lula e pedem 'sensibilidade'

JULIA DUAILIBI
RAFAEL CARIELLO
DA REPORTAGEM LOCAL

Ao se reunir com intelectuais tradicionalmente ligados ao PT, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ouviu queixas sobre as altas taxas de juros da economia, o teor das reformas enviadas ao Congresso e a "despolitização" da comunicação do governo. Os acadêmicos também pediram ao presidente "sensibilidade" para avaliar as consequências sociais da política econômica atual.

Em clima amistoso, Lula rebateu as afirmações e disse que a ortodoxia na condução da economia é necessária para "pavimentar" o caminho para o crescimento, segundo a cientista política Maria Victoria Benevides. De acordo com ela, Lula disse que a fase de transição será mais curta do que os "pessimistas" pensam.

Na reunião, o presidente também ouviu elogios à condução da política externa, que chegou a ser classificada como "brilhante" por um dos presentes. "A aprovação foi unânime", disse Maria Victoria, ao se referir à política de relações internacionais do governo, que, entre outros pontos, busca uma maior interação comercial com países em desenvolvimento.

O encontro, com 23 intelectuais, foi um pedido de Lula, cujo governo tem sido criticado, até por aliados, por manter a mesma política econômica da gestão FHC.

Como era previsível, não houve críticas contundentes ao governo. O grupo de acadêmicos, simpatizantes ou ligados ao PT, é o mesmo que em sua maioria já se reunia com Lula durante as eleições de 2002. Desde que o petista tomou posse, esse conselho informal de intelectuais se reuniu três vezes. Esse foi o primeiro encontro com a presença de Lula.

Após cerca de três horas de reunião, Lula almoçou com sindicalistas e, à tarde, encontrou-se com empresários do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial). No encontro com os acadêmicos, o advogado Fábio Konder Comparato, incumbido de fazer a primeira intervenção, disse que gostaria de fazer um "apelo à sensibilidade" de Lula.



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (ao centro) durante encontro com intelectuais em São Paulo

Quem participou do encontro

5

cientistas sociais

Amélia Cohn - socióloga, professora da USP
Fernando Haddad - cientista político, professor da USP, chefe-de-gabinete da Secretaria Municipal das Finanças de São Paulo
Lúcio Kowarick - sociólogo
Marco Aurélio Nogueira - cientista político
Maria Victoria Benevides - cientista política

5

filósofos

Marilena Chauí - filósofa, professora da USP
Olgária Matos - filósofa, professora da USP
Sérgio Cardoso - filósofo, professor da USP
Wolfgang Leo Maar - filósofo, professor da Universidade Federal de São Carlos
Renato Janine Ribeiro - filósofo, professor da USP

5

advogados

Claudineu Melo - advogado, professor do Mackenzie
Dalmo de Abreu Dalari - advogado, professor da USP
Fábio Konder Comparato - advogado, professor da USP
Marco Antonio Barbosa - advogado
Marina Benevides Soares - procuradora

Outros convidados

Azis Ab'Saber - geógrafo, professor emérito da USP
Ladislau Dowbor - economista
Maria Rita Kehl - psicanalista
Michael Hall - historiador, professor da Unicamp
Paul Singer - economista, professor da USP
Paulo Vannuchi - jornalista
Pedro Paulo Martone Branco - economista
Roberto Schwarz - crítico literário, professor aposentado da USP

Comparato, que já criticou publicamente as diretrizes da equipe econômica, pediu a Lula que refletisse sobre o "custo social da política econômica do governo".

Todas as intervenções do grupo, inclusive a de Comparato, foram feitas de forma cordial, segundo relato de vários dos presentes.

O advogado solicitou ainda ao presidente que consultasse a primeira-dama, Marisa Letícia, e outras pessoas, que não técnicos do governo, sobre as consequências das medidas na esfera econômica.

Coube ao economista Paul Singer, secretário de Economia Solidária do governo, ser mais enfático na crítica à política econômica de Lula. De acordo com participantes, Singer disse que o governo não pode esperar que o "bene-

fício" a bancos e ao capital especulativo ajude a economia.

Segundo Marilena Chauí, professora de filosofia da USP, Singer alertou o governo de que a economia "não é uma ciência exata".

O presidente ouviu também do cientista político Lúcio Kowarick que "daqui a pouco a herança do governo anterior não poderá mais ser atribuída ao passado".

Ao comentar as declarações, Lula disse que "nós ficamos ansiosos para que o filho da gente ande logo, mas há fases nesse processo". E voltou a dizer: "Há um tempo de plantar, e outro de colher". Também falaram os ministros Luiz Dulci (Secretaria Geral) e Antonio Palocci Filho (Fazenda), que explicou as decisões da equipe econômica, como a manu-

tenção dos juros em 26,5%.

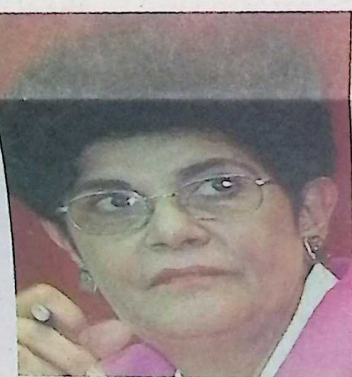
A proposta do governo de reforma da Previdência foi contestada. Olgária Matos, também professora de filosofia da USP, disse que o debate não é feito da forma adequada, ao tratar "direito do funcionalismo como privilégio".

A psicanalista Maria Rita Kehl criticou a forma como o governo trata a reforma na mídia. Segundo participantes, ela disse que o PT, partido que ajudou a politizar o país, está despolitizando o debate.

Convidados para o encontro, Paulo Arantes, professor de filosofia da USP, e Antonio Candido, crítico literário, não compareceram e alegaram razões pessoais.

→ LEIA MAIS sobre a reunião de Lula com empresários em Dinheiro

FRASES



"Adorei [o encontro]. Quando o Lula fala, o mundo se abre, se ilumina e se esclarece. [O presidente] falou uns 40 minutos, mas gostaríamos que ele falasse mais até."

MARILENA CHAUI



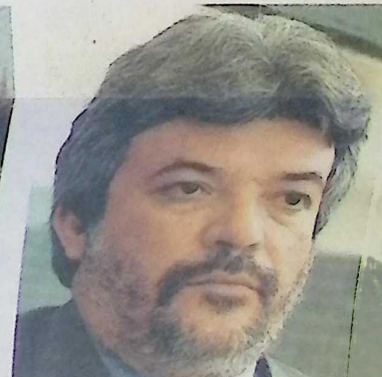
"Você não pode sair atacando o funcionalismo sem a sociedade saber o que significa a função pública. No Brasil, confunde-se direito com privilégio, porque a gente nunca teve direito"

OLGÁRIA MATOS



"Há tempos diferentes para a reflexão e para a ação. Nós estamos numa fase de transição. Essa fase será, pelo que ouvimos e debatemos, mais curta do que os pessimistas pensam"

MARIA VICTORIA BENEVIDES



"Não houve manifestações que insinuassem a imediata queda dos juros, e ninguém cobrou isso. Houve uma preocupação com a criação de um ambiente que leve ao crescimento"

PEDRO PAULO MARTONE BRANCO